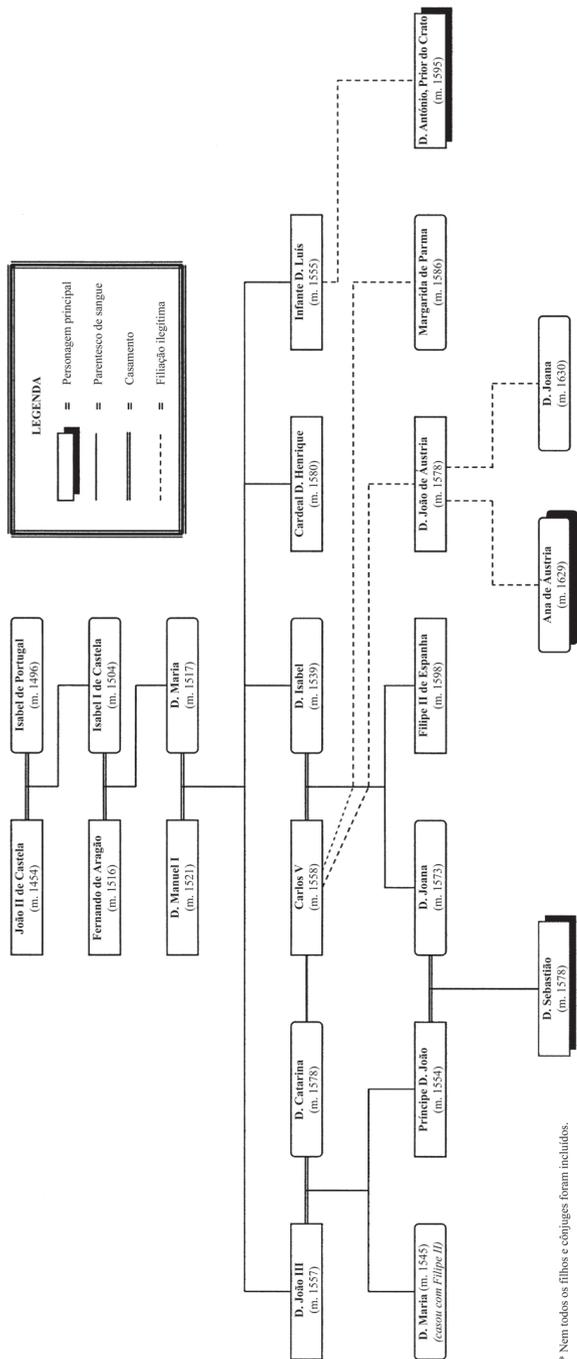


ÁRVORE GENEALÓGICA DE D. SEBASTIÃO E ANA DE ÁUSTRIA*



* Nem todos os filhos e cônjuges foram incluídos.

Figura 1: Versão abreviada da linhagem de Avis-Habsburgo. Cortesia de David Nasca.

PERSONAGENS

Optou-se pela forma portuguesa do nome das personagens espanholas e luso-espanholas mais destacadas ou mais estreitamente relacionadas com a História de Portugal. Quanto aos reis Filipe II e Filipe III, manteve-se a referência ordinal da História de Espanha.

Alba, duque de (D. Fernando Álvarez de Toledo y Pimentel) — Comandante das tropas espanholas que invadiram Portugal.

Alberto, cardeal arquiduque — Sobrinho de Filipe II, vice-rei de Portugal e, mais tarde, dos Países Baixos.

Aldana, Francisco de — Poeta e militar, comandante das tropas espanholas que vieram auxiliar D. Sebastião; morre na batalha de Alcácer Quibir.

Anjos, Frei Agostinho dos — Frade português em Madrigal.

Antolínez, Frei Agustín — Frade agostinho, colaborador do provincial Gabriel de Goldaraz; será mais tarde arcebispo de Santiago de Compostela.

António, D., prior do Crato — Filho ilegítimo do infante D. Luís e sobrinho do cardeal-rei D. Henrique; pretendente ao trono português.

Ataíde, D. Luís de — Vice-rei da Índia.

Áustria, Ana de — Freira, filha de D. João de Áustria, sobrinha de Filipe II.

Áustria, D. João de — Meio-irmão de Filipe II e pai de Ana de Áustria.

Áustria, Joana de — Mãe de D. Sebastião, irmã de Filipe II.

Aveiro, duque de (D. Jorge de Lencastre) — Morre na batalha de Alcácer Quibir; sucede-lhe no título D. Álvaro, terceiro duque de Aveiro.

Azebes, Isabel de — Freira.

Barajas, conde de (Francisco Zapata de Cisneros) — Presidente do Conselho de Castela, mais tarde demitido; casado com D. María de Mendoza y Mendoza.

Bayona, Luisa — Freira.

Belón, María — Freira.

Benavente, Juan de — Frade agostinho, inimigo do provincial Gabriel de Goldaraz.

Blomberg, Bárbara — Avó de Ana de Áustria e mãe de D. João de Áustria.

Borja, D. João de — Embaixador de Filipe II em Portugal de 1569 a 1575.

Caetani, Camilo — Núncio do papa em Espanha.

Camargo, Juan de — Frade agostinho, prior de San Agustín de Medina.

Catarina, D. — Avó de D. Sebastião, regente de Portugal durante a menoridade do neto.

Cid, Inés — Amante de Gabriel de Espinosa e mãe de dois dos seus filhos.

Clara Eugénia — Filha de Inés Cid e Gabriel de Espinosa.

Corso, André Gaspar — Mercador corso sediado em Argel; Filipe II serve-se dele como mediador em Marrocos.

Escobedo, Pedro de — Secretário de Bárbara Blomberg; filho de Juan de Escobedo, secretário de D. João de Áustria que foi assassinado.

Espinosa, Ana (ou Catalina) — Freira.

Espinosa, Gabriel de — O pasteleiro.

Filipe de África — Filho de Mulei Mahamet, o destronado rei de Marrocos; antes da sua conversão ao cristianismo era conhecido em Espanha como Mulei Xeque.

Filipe II — Rei de Espanha.

Filipe III — Rei de Espanha, filho de Filipe II.

Fonseca, António da — Advogado de Lisboa preso por alegada cumplicidade com Frei Miguel dos Santos, mais tarde libertado.

Francisco — Suposto irmão de Ana de Áustria, que teria sido raptado.

Fuensalida, Juan de — Jesuíta que acompanhou Gabriel de Espinosa nos últimos dias.

Goldaraz, Gabriel de — Provincial da Ordem de Santo Agostinho; tenta bloquear a investigação da conspiração, mas acaba por ceder; tem inimigos na sua própria ordem e ligações com Navarra.

Gomes, Francisco — Mercador português, preso por suspeita de cumplicidade com Frei Miguel dos Santos, mas mais tarde libertado; estava ao serviço do conde de Redondo.

Gonçalves, Manuel — Correio português.

González, Gregorio — Cozinheiro que trabalhou com Gabriel de Espinosa em Ocaña.

Grado, Luisa de — Freira; confidente de Ana de Áustria, irmã de María Nieto e de Blas Nieto.

Henrique, D. — Cardeal, regente e mais tarde rei de Portugal; tio-avô de D. Sebastião.

Idiáquez, Juan de — Conselheiro, embaixador e colaborador próximo de Filipe II.

Idiáquez, Martín de — Secretário do Conselho de Estado de Espanha.

Isabel Clara Eugénia — Infanta, filha de Filipe II; casa-se com o arquiduque Alberto.

Joana — Irmã mais nova de Ana de Áustria.

Lacerda, Fernando de — Jesuíta, suposto autor da *Historia de Gabriel de Espinosa* de 1595.

Llano Valdés, D. Juan de — Comissário apostólico do Santo Ofício.

Loaysa, García de — Capelão de Filipe II.

Mendes, Manuel — Mercador português, suposto aliado de Frei Miguel dos Santos e partidário de D. António, prior do Crato; nunca foi encontrado.

Mendoza, María de — Mãe de Ana de Áustria.

Meneses, D. Duarte de — Capitão de Tânger.

Moura, Cristóvão de — Diplomata, colaborador muito próximo de Filipe II; vice-rei de Portugal no reinado de Filipe III.

Moura, Miguel de — Secretário de Estado de D. Sebastião e, mais tarde, do arquiduque Alberto.

Mulei Abdelmeleque (chamado **Mulei Maluco** nas fontes portuguesas da época) — Rei de Marrocos, célebre pela sua erudição e cultura; morre na batalha de Alcácer Quibir.

Mulei Ahmed — Irmão e sucessor de Mulei Abdelmeleque.

Mulei Mahamet — Rei de Marrocos, cujo trono foi usurpado pelos tios Mulei Abdelmeleque e Mulei Ahmed; morre na batalha de Alcácer Quibir.

Nieto, Blas — Criado de Ana de Áustria; é preso e libertado.

Nieto, María — Freira. Irmã de Luisa de Grado e de Blas Nieto.

Ortiz, Frei Andrés — Vigário depois da queda de Frei Miguel dos Santos.

Pacheco, João Mendes — Médico português; terá supostamente tratado D. Sebastião algum tempo depois da batalha de Alcácer Quibir; é preso e libertado.

Pérez, Antonio — Antigo secretário de Filipe II; acusado de traição, é preso, mas consegue fugir.

Portugal, D. João de — Bispo da Guarda, destacado apoiante de D. António, prior do Crato.

Posada, Junco de — Presidente do Real Tribunal da Chancelaria.

Quiroga, Gaspar de — Arcebispo, patrono do convento de Madrigal.

Redondo, conde de (D. João Coutinho) — Fidalgo português, partidário de D. António, prior do Crato.

Río, Bernardo del — Espião e correio disfarçado de frade, ao serviço de Antonio Pérez.

Roda, Francisca de — Freira.

Roderos, Juan de — Criado de Ana de Áustria.

Rodríguez, Frei Alonso — Confessor das freiras.

Rodríguez, Gabriel — Estalajadeiro em Valladolid.

Rosete, Frei Alonso — Outro confessor do convento; português.

Ruiz, Simón — Mercador e banqueiro em Medina del Campo.

Santillana, Diego de — Irmão de Rodrigo de Santillana; ocupa um cargo no Castelo de La Mota.

Santillana, Rodrigo de — Juiz do Tribunal da Chancelaria; nomeado por Filipe II para dirigir a investigação do caso de Madrigal.

Santos, Frei Miguel dos — Frade agostinho português, confessor real e pregador, mais tarde vigário do convento de Madrigal.

Sebastião, D. — Rei de Portugal; morre na batalha de Alcácer Quibir.

Silva, D. João da — Conde de Portalegre. Embaixador de Filipe II em Lisboa; acompanha D. Sebastião a Marrocos; será mais tarde governador de Portugal.

Silva, Pedro (ou Luís) — Preso em agosto de 1595.

Sotomaior, Frei Luís de — Dominicano, partidário de D. António, prior do Crato. Um dos responsáveis religiosos encarregados de supervisionar o cumprimento do testamento de D. António.

Sousa, Frei António de — Frade agostinho, aliado de Gabriel de Goldaraz, presumível autor das cartas anónimas enviadas aos juízes.

Tapia, Ana de — Freira.

Távora, Cristóvão de — Conselheiro e um dos mais fiéis amigos de D. Sebastião; morre com o rei.

Ulloa, Magdalena de — Tutora de D. João de Áustria e de sua filha Ana de Áustria.

Vázquez de Arce, Rodrigo — Presidente do Conselho de Castela.

Zayas, Gabriel de — Secretário do rei.

Zúñiga, Frei Diego de — Clérigo de Toledo que prega contra Filipe II e afirma que D. Sebastião ainda está vivo; desconhece-se a sua identidade.

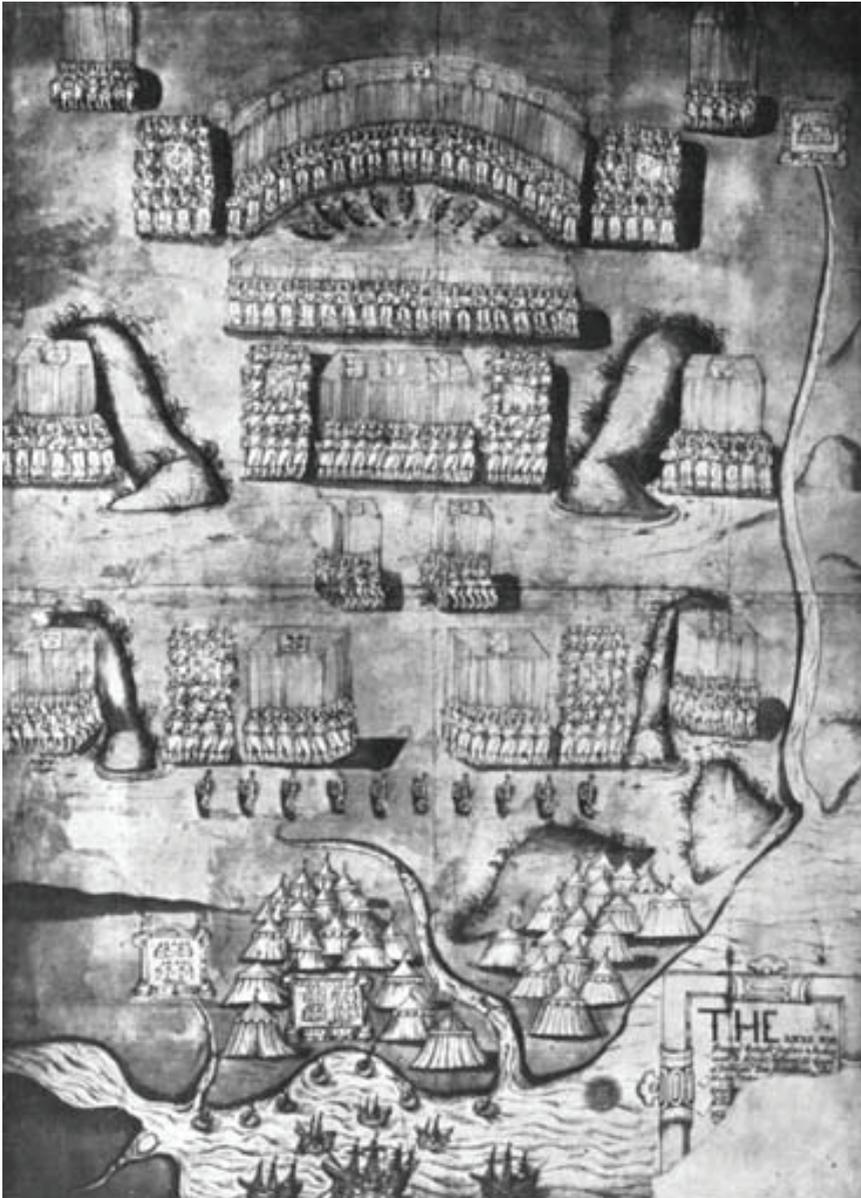


Figura 2: Anónimo, *A Batalha de Alcácer Quibir* (provavelmente do século XVI).
Original em Hatfield House, Hertfordshire, Inglaterra.

PRÓLOGO

A 4 de agosto de 1578, sob o abrasador sol marroquino, o rei de Portugal, D. Sebastião, conduziu as suas tropas para o massacre. Com a morte do jovem rei, que não deixava herdeiros, morria também a independência de Portugal. Filipe II, seu tio e rei de Espanha, apoderou-se do trono após uma breve luta pelo poder, seguida de uma invasão armada. Do sangue e do pó da batalha de Alcácer Quibir ergueram-se alguns dos mais conhecidos e duradouros impostores reais, os falsos D. Sebastião. Este livro conta a história de um deles, talvez o menos credível, mesmo numa época em que as profecias e os acontecimentos assombrosos enformavam a estrutura natural da imaginação das gentes.

Dezasseis anos após a batalha, surgiu numa vila espanhola um homem que dizia ser (ou se pensava que seria) D. Sebastião. O seu nome era Gabriel de Espinosa. Tanto quanto é possível saber, o cérebro por trás desta impostura era o vigário português de um convento agostiniano para senhoras bem-nascidas, e o objetivo imediato do plano seria convencer uma das freiras, por sinal sobrinha de Filipe II, de que aquele homem, um antigo soldado e pasteleiro de ocasião, era seu primo. A partir daí, o plano visava colocar um pretendente português no trono. Os responsáveis, bem como um vasto conjunto de freiras,

monges e criados, foram presos e interrogados durante quase um ano, enquanto um grupo de juizes tentava deslindar a história, mas os culpados viriam a morrer deixando muitas perguntas sem resposta.

A conspiração ocorreu num momento de elevada tensão política. As relações entre Portugal e Espanha, como sempre entre países vizinhos, eram ao mesmo tempo próximas e turbulentas, e havia portugueses que não se resignavam a ser governados por um espanhol, mesmo que a mãe deste fosse portuguesa. Os anos da década de 1590 foram de grande instabilidade, não só em Portugal e Espanha, mas um pouco por toda a Europa, e não apenas no domínio político, mas também no plano cultural e até subjetivo. As certezas revelavam-se frágeis. As condições climáticas eram péssimas, o rei estava a morrer, as guerras corriam mal e a riqueza de Espanha desvanecia-se. Os tempos eram pois de desespero. Quando o mundo parece desabar, as pessoas agarram-se ao que tiverem à mão, a qualquer coisa que ofereça uma ténue promessa de auxílio. Procuram explicações. O fenómeno dos falsos D. Sebastião tem o nome de sebastianismo, uma forma de milenarismo por vezes encarada como sinal de nacionalismo frustrado ou prova de que Portugal era um manicómio triste e subjugado. Não subscrevo esta interpretação, mas este não é um livro sobre o sebastianismo, desde logo porque apresenta uma visão que é mais espanhola do que portuguesa, pois foi em Espanha que a fraude se desenrolou.

A conspiração para afastar Filipe II do trono de Portugal em favor de um governante português pode não ter tido qualquer hipótese de ser bem-sucedida, mas isso não a reduz a um mero incidente e, embora restem poucas dúvidas de que D. Sebastião era uma personagem estranha, há mais a reter da sua curta vida do que aquilo que relata uma historiografia frequentemente tendenciosa, que oscila entre a adulação e o repúdio, com muito pouco de permeio. Ao longo das páginas que se seguem, tentarei corrigir este erro criando uma ponte entre história e política, entre as estruturas da narrativa e as exigências da diplomacia. Esta crónica de um falso D. Sebastião tem muito a ensinar-nos sobre notícias e política, e sobre a forma como as pessoas arranjam maneira de viver mesmo rodeadas por forças que muitas vezes não entendem.

Por outras palavras, a história é importante. As gentes de então, como as de agora, viviam sedentas de notícias. Ansiavam por ouvir uma boa história, uma história relevante, e tinham igual ânsia em voltar-se para o lado e contá-la a outros. Contar histórias, incluindo esta, ligava as pessoas a um tempo e a um lugar. Numa época em que as notícias começavam a espalhar-se por toda a Península Ibérica, e intrigas e privações obrigavam as pessoas a fazer-se à estrada, plebeus e elites falavam e liam sobre a independência nacional, conspirações, a causa da Cristandade, a verdade visível, a autoridade régia e os limites do possível. Ao recontar a história do pasteleiro de Madrigal, este livro aponta os sinais de reconhecimento que ajudavam as pessoas a interpretar o mundo em que viviam. Nos seus meandros ilógicos, a história continha sequências facilmente reconhecíveis de aventura e redenção, que faziam algum sentido para as vítimas, observadores e juizes que se viram enredados nela ou fascinados pelos acontecimentos ocorridos na vila castelhana de Madrigal de las Altas Torres.

Embora eu própria possa, a espaços, ceder à tentação de pintar esta trama e os seus atores com tons cómicos, quero deixar claro que não considero esta gente divertida. A crónica do pasteleiro foi, durante séculos, contada como uma curiosidade, ostentada como exemplo do exotismo e da credulidade do passado, algo para levar turistas e leitores a encarar a história como entretenimento. Na minha opinião, as personagens desta crónica exibem uma imaginação intrépida, enfrentam desafios físicos, políticos e conceptuais que não conseguimos sequer conceber; e são muito, muito sérias. Devem ser analisadas no seu contexto próprio, e não encaradas como simples curiosidades ou curiosas simplificações. As suas escolhas, mesmo quando punidas com a morte, revelam aquilo que achavam correto e possível, e as suas descrições e memórias foram uma forma de expressar uma opinião. Embora as suas vidas tenham personificado aquilo que poderíamos considerar abordagens contraditórias do mundo — devoção e mentira, argúcia política e destempero, encarceramento e errância —, essa inconsistência deve levar-nos não a descartá-las mas antes a enfrentar as ambiguidades do passado.

Esta história está repleta de personagens que não são quem aparentam ser. Os plebeus disfarçam-se de reis, os reis disfarçam-se de

eremitas, membros da família real julgam-se plebeus, vários pretensos frades deambulam um pouco por todo o lado, viajantes afirmam ser parentes da freira de ascendência régia, coisa que provavelmente não eram. Este era um tempo, na alvorada da era do Quixote, em que a distinção entre verdade e ficção era a grande preocupação filosófica. E era igualmente uma consideração religiosa de ordem prática, na medida em que uma das principais missões da Inquisição era descobrir falsos cristãos, pois nem judeus nem muçulmanos eram livres de praticar a sua religião, sendo provável que o fizessem em segredo. Os dramaturgos espanhóis deste Século de Ouro da literatura encheram os seus palcos com personagens disfarçadas. Muitas famílias reais europeias foram atormentadas por impostores. E a política era vista como uma forma legítima de artifício e logro.

A conspiração dependia das notícias. Por toda a Europa circulavam crónicas que recontavam a tragédia de Alcácer Quibir e, anos mais tarde, o seu prodigioso segundo ato. Veremos como havia quem constantemente escrevesse e recebesse cartas; por algum motivo se chamava cartas de novas aos precursores dos nossos jornais. O processo de Madrigal inclui cartas anónimas, cartas forjadas, cartas codificadas, cartas de amor, cartas traduzidas, cartas oficiais e cartas contendo testemunhos, alguns dos quais acabariam por ir parar a cartas pessoais e depois a relatos de notícias, copiados, reformulados e retransmitidos, oralmente ou por escrito, pela surpreendente quantidade de pessoas que então viajava pela rede de estradas da Península Ibérica. Frades, espiões, vagabundos, desertores, funcionários régios e correios, todos eles iam e vinham, todos eles levavam histórias. A literatura desse tempo apresenta invariavelmente viajantes que, em qualquer gruta abrigada, qualquer pousada, qualquer encontro casual, aproveitam a oportunidade para trocar histórias. As páginas seguintes mostram-nos um pouco desse mundo. As fronteiras da boa história eram uma questão relevante em finais do século XVI, sendo frequente invocar testemunhos oculares para assegurar aos leitores e ouvintes que aquelas narrativas fantásticas eram realmente verdadeiras; daí que as cartas de novas apresentassem muitas vezes o melhor de ambos os mundos, verdade e falsidade. Mas, embora os factos e a veracidade fossem importantes, poucos seriam os narradores que não se deixavam guiar

igualmente pela crença na Providência Divina, pelo conhecimento da vida dos santos e por uma noção de tradição nascida da pertença a um povo ou a uma nação. A tudo isso deviam obediência.

O livro começa com a origem desta história, em Marrocos, e daí passa para Portugal, para Castela e para Madrigal de las Altas Torres. Vamos de D. Sebastião, que perdeu o reino devido à insensatez, a D. António, o pretendente português que nunca chegou a ter reino, e a Filipe II, o monarca mais poderoso do mundo. E avançamos de Frei Miguel dos Santos, o beatífico vigário, até Gabriel de Espinosa, o pasteleiro itinerante, e Ana de Áustria, uma jovem freira que merecia melhor sorte.